

A ciência da motricidade humana e as suas possibilidades metodológicas

Ana Maria Pereira

Doutora em Ciências do Desporto pela Universidade da Beira Interior/Portugal e Professora da UEL

Resumo

Este trabalho vinculou-se numa abordagem hermenêutica, analisou os discursos sobre a *Ciência da Motricidade Humana*, com atenção ao seu método de pesquisa. A Motricidade tem seus pressupostos assentes na fenomenologia, no pensamento complexo e no materialismo histórico dialético. Efetua diálogos com diversas correntes do pensamento científico sugerindo para as pesquisas que decorrem da sua teoria o método *integrativo*. O método integrativo converge com a idéia de *transgressão metodológica*, sendo um espaço de aproveitamento de todas as vertentes metodológicas, mas pode revelar incoerência de um dado pressuposto teórico.

Palavras-chave: Motricidade Humana; Método Integrativo; Transgressão Metodológica.

Abstract

This work was engaged to a hermeneutic approach, analyzed the speeches contained in the texts on the *Human Motricity Science*, with attention to their research method. The Motricity has its assumptions based on phenomenology, in complex thinking and the historical and dialectical materialism. Perform dialogues with various currents of scientific thought to research suggesting that stem from its integrative theory method. The integrative method converges with the idea of methodological transgression, with an area of exploitation of all methodological approaches, but can prove inconsistency of a given theoretical assumption.

Keywords: Human *Motricity*; Integrative Method; Methodological Transgression.

A ciência da motricidade humana**O estado da questão**

Temos uma nova e jovialíssima ciência do homem: *A Ciência da Motricidade Humana*, a qual integra a dança, o esporte, a ginástica, os jogos, as lutas, entre outras especialidades. A referida ciência provocou na contemporaneidade um corte epistemológico com a Educação Física, sendo este o segundo corte epistemológico ou revolução científica nessa área de conhecimento, uma vez que a gênese desse conhecimento traduziu-se na Ginástica Grega e o primeiro corte consolidou-se na passagem da Ginástica para Educação Física, na Modernidade, sob a égide do paradigma racionalista cartesiano-newtoniano.

A Educação Física, bem como todas as suas atividades adjacentes, nasceu sob orientação das ciências naturais e tornou-se representante das apologias do racionalismo. E ao longo do seu processo de evolução e de consolidação, serviu-se do dualismo vigente, manifesto na separação das duas realidades ontológicas: a *res extensa* (o corpo) e a *res cogitans* (alma). Essa separação dificultou as relações interativas e comunicativas entre o sensível e o inteligível, o sujeito e o objeto, os saberes teóricos e os fazeres práticos, uma vez que a Educação Física se apropriou do *físico tão-só*, ficando reduzida a uma mera área de atividades, muitas vezes com um fim em si mesma.

A Educação Física, para legitimar as atividades desse físico, recorreu aos conhecimentos híbridos de outras áreas científicas, nomeadamente, da Pedagogia, da Medicina (Anatomia, Fisiologia, Citologia), entre outras, tais como: Psicologia, Biomecânica, Engenharia, Sociologia, Administração e Gestão. Desse modo, a Educação Física e a Ciências do Esporte têm dificuldades em definir o objeto de estudo e a identidade, bem como explicar e compreender a *matriz teórica*, a que se vinculam.

A Ciência da Motricidade Humana sugerida e defendida pelo português Manuel Sérgio (1996) tenta resolver os problemas ontológicos, epistemológicos e políticos, deixados pela tradicional Educação Física. A

Motricidade Humana efetiva uma ruptura abissal, ou seja, um corte epistemológico com a Educação Física, porque promove a passagem do *físico tão-só à complexidade humana*, considerando o movimento intencional da transcendência, ao mesmo tempo em que sublinha a intencionalidade operante, que emerge da essência e da existência da pessoa humana, *ser-agente-encarnado* inserido no mundo.

O sentido da Motricidade Humana representa o sentido da transcendência, aliado ao sentido da própria vida. Sentido da vida? De fato, este objeto de estudo permite focar o fenômeno da *motricidade* em várias vertentes, tais como: a motricidade do cotidiano, a motricidade do treino de alto rendimento do esporte, a motricidade especializada do trabalho, a motricidade do lazer, a motricidade da saúde, a motricidade expressiva da arte (capoeira, folclore, dança e das atividades circenses), a motricidade funcional da terapêutica e da reabilitação e a motricidade da educação e da formação humana.

A Ciência da Motricidade Humana torna-se legítima, com definição autônoma e originalidade epistêmica, ao encontrar em si e ao resolver as *problemáticas gerais*, designadamente, aquelas constelações de problemas que atingem o conhecimento científico (numa linguagem Kuhniana, os paradigmas, os modelos, os valores, ou seja, os princípios basilares que norteiam toda a ciência). E ainda, ao encontrar também as *problemáticas regionais*, aquelas específicas de uma dada área do conhecimento, problemáticas essas, que estudam e se preocupam com as autênticas condições e expressões humanas, e que dão origem às *problemáticas disciplinares*. A problemática disciplinar suscita explicações de todos os fenômenos de uma dada ciência.

Todavia, a Ciência da Motricidade Humana propôs uma grande ruptura, um corte epistemológico com a Educação Física, ou seja, uma passagem da Educação Física à Motricidade Humana, motricidade essa que prima por um movimento intencional do homem, rumo à transcendência na busca do mais ser. Tudo isso, pautado na defesa da unidade e da complexidade ontológica, na redefinição de uma matriz teórica, na

construção de um objeto de estudo e na instauração da autonomia epistemológica. A questão da legitimidade epistemológica não se coloca em causa aqui neste estudo. Doravante, o que se põe em questão é como a Ciência da Motricidade Humana organiza suas pesquisas no que se refere ao método.

A Ciência da Motricidade Humana tem seus pressupostos assentes na fenomenologia e toma como referência às reflexões de Maurice Merleau-Ponty (1908/1961). O motivo da aproximação da filosofia pontiana é porque esse filósofo além de refutar a antropologia cartesiana também abordou o tema corpo¹, sendo que este assunto abre horizontes para uma realidade que está presente no dia-a-dia da Educação Física. O pensamento pontiano busca a unidade do ser humano e recusa o dualismo cartesiano, elucidando que temos a possibilidade de resgatar o ser humano da clivagem dualista e propiciar uma vivência mais una e global. A partir destas considerações Manuel Sérgio (1996) traz para o mundo da Educação Física reflexões que se volta para a *unidade*, para a *intencionalidade operante* o mesmo que *motricidade*, para a *facticidade*, para a *intersubjectividade* e para a *transcendência*, sendo estas categorias da filosofia pontiana.

A Motricidade Humana se aproxima também do pensamento complexo, temática atualmente muito difundida pelo sociólogo francês Edgar Morin (2002 e 2004). Este estudo remete ao *complexus*, tudo aquilo que é tecido em conjunto, bem como, refuta o racionalismo desmedido e qualquer espécie de fragmentação. A Motricidade considera os aspectos tais como: o contexto, o global, o multidimensional, o complexo, a dúvida e a incerteza, a relação causa e efeito não linear; A reflexão da ação, a auto-

¹ A filosofia pontiana apresenta grande preocupação em resolver o problema da ruptura entre o corpo e a alma. As reflexões de Merleau-Ponty progrediram, grandemente, de uma obra para outra e o corpo ocupa um lugar de destaque em suas análises. Primeiramente, na obra: *A Estrutura do Comportamento*, o corpo se apresentou como um comportamento à luz da Psicologia da Gestalt. No livro: *Fenomenologia da Percepção* houve um enorme esforço para libertar o corpo do império da razão, sendo que neste o corpo emerge como um organismo autônomo traduzido no corpo-sujeito. E por fim, em seus manuscritos: *O Visível e o Invisível* revelou um comprometimento efetivo com a ontologia do sensível, tendo o corpo um lugar definido e certo, caracterizado pela noção de carne, ou seja, de presença encarnada, que abarca a globalidade do ser, por isso a expressão *ser-agente-encarnado* para referir-se ao homem inteiro.

observação, a auto-crítica, a auto-organização e a auto-transformação; O método é um caminho que se constrói, se inventa e se experimenta e, ainda; O equilíbrio entre o que foi construído culturalmente no passado e a construção do presente perspectivando mudanças².

A referida ciência apropriou-se também de uma categoria do marxismo, que é a concepção de práxis como *ação transformadora*, embora a práxis da Motricidade Humana difira do materialismo histórico dialético marxista³, porque a práxis humana não se fixa apenas no movimento laboral, tendo como determinação básica o fator econômico, os modos de produção, a luta de classes e a revolução. Para Manuel Sérgio (1994a e 1994b) o complexo social não se estrutura, tendo como maior determinação somente os fatores econômicos e políticos, mas também, os fatores culturais, os religiosos, os científicos, os morais, entre outros. A noção de práxis apresentada pelo filósofo Manuel Sérgio para além da apropriação dessa categoria marxista, também se fundamenta em uma antropologia que considera o ser-no-mundo e compreende-o no sentido da existência concreta, em todos os momentos e em todos os aspectos complexos da vida, tendo o sujeito-encarnado manifesto na experiência objetiva, subjetiva e

² MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991. *Reformar o pensamento: a cabeça bem feita*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002; (et al) *Educar para a era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

³ Indubitavelmente Marx deixou o seu legado para toda a humanidade e sua filosofia revelou a imensa dedicação que teve às questões do seu próprio tempo. De forma geral, a essência crítica da filosofia Marxista, segundo Adolfo Sánchez Vázquez em sua obra: *Filosofia da Praxis*, pode ser expressa: [...] *os economistas viram o trabalho humano por sua utilidade exterior e não por seu entrosamento com o homem. Dissolveram o operário do homem concreto que ele é; ou seja, viram o homem apenas como Homo oeconomicus*. Assim, [...] *não conseguiram correlacionar a transformação da natureza e a transformação do homem que se opera nessa modificação da realidade natural por meio do trabalho humano*. Desse modo, o conceito de práxis limitou-se à atividade material transformadora da realidade natural e reduziu-se a um conceito econômico. Contudo, Marx infere que por meio do trabalho humano possa ascender à práxis total humana. Adverte-se sobre a tendência do conceito de práxis centrar em uma circularidade viciosa, o trabalho definido como práxis, e a práxis, como trabalho. A práxis se articula com o homem em toda sua totalidade e complexidade. Para maiores esclarecimentos acerca do assunto em questão, pesquisar: VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da praxis*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1990. p. 34 seq; O capítulo sobre: *O trabalho alienado (XXII-XXVI)* de MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 157-172 passim; E também, o segundo capítulo: *A metafísica da ciência e da razão: o homo oeconomicus* e o quarto capítulo: *Práxis e totalidade*, de KOSIK, Karel. *A dialética do concreto*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 91-109 passim e p. 217-243 passim.

intersubjetiva do ser. A evolução do ser-no-mundo ocorre por intermédio de sua capacidade de ser prático, primeiramente numa perspectiva pessoal e depois coletiva, e, não via revolução. Observa-se que a Ciência da Motricidade Humana tem seus pressupostos radicados na fenomenologia, entretanto ao discutir uma das suas problemáticas específicas, no que se refere à práxis, traçou alguns diálogos e aproximações com o materialismo dialético e histórico.

Diante do exposto fica evidente que a Ciência da Motricidade Humana permite diálogos com diversas correntes do pensamento científico. A partir deste contexto é lícito e lúcido questionarmos: *Qual o método utilizado por essa Ciência?*

Dentre os vários aspectos da Motricidade Humana, este estudo, numa análise mais restrita e pormenorizada ocupa-se, nomeadamente, com a problemática do método. *Qual o método a utilizar numa ciência que se alia aos princípios da fenomenologia, da complexidade e, ainda, do materialismo histórico dialético?*

A construção de uma metodologia e as possibilidades de interações A metodologia adequada ao problema

Compreende-se que um aspecto básico e, ao mesmo tempo, de extrema relevância, para aqueles que se lançam ao âmbito das ciências e das atividades de investigação é a capacidade de oferecer e de produzir um conhecimento novo a respeito de uma determinada área. Isso quer dizer que as pesquisas têm que, necessariamente, avançar para além daquilo que já se sabe a respeito de um dado conhecimento ou de um fenômeno.

O ato de pesquisar se pauta na busca daquilo que não se sabe, mas que é preciso saber acerca de um fenômeno. Pesquisar é ação permanente e inacabada da ciência na pergunta e na descoberta da realidade. “É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados” (Minayo, 1996. p. 23). Pesquisar é inquirir com diligência, tendo em vista alcançar um

processo crítico de reconstrução e de produção permanente de um dado saber.

A convicção e o racionalismo da ciência, ao longo do seu percurso histórico, ensinaram-nos que as atividades de pesquisa devem apresentar precisamente três requisitos fundamentais: primeiro, a existência de uma pergunta a que se deseja e se pretende responder, ou seja, uma questão-problema que ainda não está resolvida; segundo, um procedimento metodológico, elaboração e descrição de um processo, conjunto de passos, capazes de fornecer informações para responder à questão-problema identificada e, também, a indicação do grau de confiança da resposta obtida e a sua resistência a falseamentos (Köche, 1999; Rudio, 2000; e Popper, 2003). Com efeito, esses três requisitos constituem um processo que, indubitavelmente, aparece permeado e influenciado por um específico quadro de referência teórico. Por outras palavras podemos dizer que o pesquisador, ao apropriar-se de uma temática de estudo, relaciona-a com sua concepção de mundo e insere-a num referencial teórico específico, que funciona como uma espécie de lente, pela qual observa e faz a leitura do fenômeno do estudo escolhido.

Os problemas de pesquisa são formulados pelos cientistas à luz de uma abordagem teórica, pois o ser humano, com sua singularidade, é incapaz de separar o objeto da concepção que dele tem. Conforme Triviños (1994) em sua obra: *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação* o investigador, no exercício do fazer científico, tem necessidade de se aproximar de uma dada vertente ontológica e gnosiológica. Assim, provavelmente, assumirá uma tendência ou aproximar-se-á de uma corrente do pensamento contemporâneo, seja esta de cunho “idealista, positivista, fenomenológico hermenêutico, materialista histórico crítico, estruturalista, sistêmica”.

Com efeito, “as decisões metodológicas são pura decorrência do problema formulado e este só se explica devidamente em relação ao referencial teórico que deu origem a ele” (Luna, 1989. p. 32). Esta discussão é pertinente no âmbito da ciência, porque perspectivamos uma melhor

adequação e escolha da abordagem metodológica para os nossos trabalhos científicos, face às relações entre: o interesse e a paixão pelo tema, a pergunta norteadora da pesquisa, e ainda, o fenômeno em questão à luz do paradigma no qual radicamos.

Grandes interesses podem tornar-se uma grande paixão e dar origem a uma atitude de busca incessante e de pesquisa contínua. A *paixão* pelo tema é o pré-requisito essencial que antecede a apreensão de um “processo racional de compreensão e explicação” (Feyerabend, 1993, p. 32).

Existe um aspecto que não se deve esquecer, quando se fala em conhecimento científico. Nas ciências, também há fé, não no sentido religioso, mas fé na racionalidade do mundo e na capacidade do ser humano para conhecê-lo e transformá-lo. Muitas vezes, nas ciências, existem fundamentos puramente emotivos, ainda não submetidos à prova e que não passam de convicções, mas é forma humana de estar e de buscar a evolução no âmbito do conhecimento científico. Temos por um lado, o cientismo, defendido por Bertrand Russell, Jacques Monod e Carl Sagan, que esqueceu que na complexidade humana e em todos os tipos de situações, o emocional está presente. Por outro, temos Bachelard (1990), na esteira de Carl Gustav Jung, com a distinção e consideração do *animus* (razão) e *anima* (imaginação), em que fundamenta o que escrevemos a respeito, ou seja, que a convicção, imaginação, à vontade e o desejo também estão presentes no mundo das ciências.

Até mesmo (Popper, 2003, p. 105), defensor tenaz de que a ciência “parte de problemas e não de intuições”, considerou que além da sensibilidade aos problemas se deve ter “uma paixão insaciável pelo seu estudo. Ou, como diziam os Gregos, o dom do maravilhamento”. Ele diz ainda que:

[...] os problemas surgem das nossas tentativas de compreender o mundo tal como conhecemos – o mundo da nossa “experiência” (onde a experiência consiste, em larga medida, em expectativas ou teorias e, parcialmente, também em conhecimento de caráter observacional – embora eu esteja, por acaso, convencido de que não existe nada a que se possa chamar conhecimento observacional puro, não contaminado por expectativas ou teorias) (Popper, 2003, p. 214).

O ponto crucial em que deveria assentar as nossas problemáticas é o de saber como articular e comunicar um dado conhecimento com os processos de melhoria da vida humana, em todas as suas dimensões. Infere-se a partir da realidade vivida no âmbito das ciências, institutos e universidades, que os pesquisadores muitas vezes produzem conhecimentos voltados para uma endogenia brutal, com finalidades em si mesmo. Parece que atualmente o interesse está mais direcionado aos indexadores internacionais do que pela real condição humana.

Esse aspecto não é um problema levantado somente nesse presente trabalho. Habermas (1994, p. 96) há muito tempo, indagou: “*Como é possível a tradução do saber tecnicamente utilizável para a consciência prática do mundo social da vida?*”. Entretanto, não se recua tendo em vista as dificuldades que se apresentam no âmbito das ciências. Ao contrário, assume-se com intensidade uma “[...] dialética de poder e vontade, com [...] consciência política” (Habermas, 1994, p. 96), em busca de saber o que é vital conhecer, para estabelecer relações entre o conhecimento e o saber fazer do cotidiano social. E ainda, empenhar-se em descobrir como saber fazer criticamente e qual a estratégia para dar resposta ao problema a estudar sem isolar, separar, dissociar ou reduzir a uma metodologia linear, preconcebida e determinada. Esse ainda é um grande desafio da nossa contemporaneidade.

Ora, entramos em uma nova era, estamos voltados para um novo espírito científico. De fato, precisamos inventar e criar uma nova perspectiva que oriente os trabalhos científicos, ou seja, um método que respeite a natureza da epistemologia, da complexidade e de todas as dimensões da condição humana real.

Qual o método que se conjuga com a Ciência do mundo atual e contemporâneo? Existirá um método, com uma dada técnica/estratégia metodológica, o qual forneça uma concepção e considere a situação concreta da vida humana? Assim, cabe mencionar a pergunta que Feyerabend (1993, p. 24) fez na introdução do *Contra o Método*:

“Estaremos dispostos a acreditar que as regras ingênuas e simples que os teóricos do método tomam como critérios de orientação são capazes de dar conta de tal «labirinto de interações?»”

A ciência da motricidade humana

O método integrativo

A Ciência da Motricidade Humana recusa qualquer metodologia que se alie ao método de Descartes (1973), da separação e da fragmentação. A concepção dessa ciência aproxima-se de um sistema auto-poiético⁴ e emergente, correspondente a uma realidade extremamente complexa e interativa.

Manuel Sérgio precursor da Ciência da Motricidade Humana, influenciado por Edgar Morin (2002 e 2004), percebeu a complexidade da rede de interações que compõe o humano e passou a considerar o caráter multi-dimensional de tudo o que existe e de tudo aquilo que é tecido em conjunto e, dessa forma, sugeriu o *método integrativo*:

[...] isto é, fruto da convergência de métodos, os mais díspares. Tais como o método histórico, o método biológico, o método fenomenológico, o método sociológico, o método psicológico e o psicanalítico, o método dialético e o método estrutural. Enfim, a compreensão e a explicação (Sérgio, 2003, p. 48).

Os pressupostos dessa integração acabam por sintetizar um pluralismo metodológico. A síntese integrativa defende “um crescimento das estruturas e um desenvolvimento do conteúdo”, que poderá servir “[...] à continuidade-descontinuidade multi-referencial que é a Motricidade Humana” (Sérgio, 1994b, p.159).

Manuel Sérgio (1994b, p.159), em sua tese, defende e argumenta que:

A originalidade do método integrativo consiste no aumento indefinido das inter-relações, dado que o homem, fenômeno entre os fenômenos, é

⁴ A autopoiese é uma noção dinâmica de sistemas complexos capaz de engendrar uma totalidade, que remete para um organismo ou um sistema que se produz e se fabrica a si próprio. E à luz do pensamento de Platão [...] *A autopoiese seria, assim, uma emanção da auto-organização*. VARELA, Francisco. *Autopoiese e emergência*. In: BENKIRANI, Réda. *A complexidade, vertigens e promessas: histórias de ciências*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004. (Coleção Epistemologia e Sociedade) p. 140.

agente e fator de fenômenos. Por outro lado, como ciência nova, ela deve procurar a progenitura, no incessante devir histórico, na inter e na transdisciplinaridade e afinal na totalidade social a que toda construção gnosiológica se reporta.

A preocupação em desenvolver um método integrativo pautou-se na perspectiva da criação de um pensamento complexo e multi-dimensional, tendo em vista o nascimento de um novo modelo de saber, sendo esse rearticulado, sistêmico, reticular e complexo. Feitosa (1993, p. 161 e 218) explica que Manuel Sérgio defende para a Motricidade Humana a possibilidade de um *método integrativo*, ele está a chamar atenção para a complexidade dos fenômenos humanos “[...] para cuja compreensão são necessários os recursos de todos os métodos existentes, reconhecendo-os ainda insuficientes para a difícil tarefa”. A autora esclarece que a idéia de método integrativo apresenta uma convergência com a idéia de *transgressão metodológica* proposta por Boaventura de Sousa Santos (2003), como sendo um espaço de abertura para o aproveitamento de todas as vertentes metodológicas existentes e possíveis.

Karl Mannheim e Dewey defenderam o pluralismo, o qual permite a convergência das diferentes tendências do pensamento. Paul Feyerabend ao definir a ciência como um *empreendimento essencialmente anárquico* rejeitou todos os procedimentos científicos pautados em modelos universais ou de tradições rígidas, pois acredita na promoção da liberdade, pela qual os cientistas devem estar abertos a todas as atividades de criação e de transformação do conhecimento. Em seu livro *Contra o Método*, publicado pela primeira vez em 1975, afirma que: “[...] Os anarquistas profissionais opõem-se a qualquer tipo de restrição e exigem que seja permitido ao indivíduo desenvolver-se livremente, sem o entrave de leis, deveres ou obrigações” (Feyerabend, 1993, p. 27).

Manuel Sérgio ao propor a Ciência da Motricidade Humana levou em consideração uma concepção de mundo em que os fenômenos se revelam de forma dialética, complexa, sistêmica e interativa. “É que uma abordagem da complexidade exige o conhecimento da totalidade, ou seja, apela a todos os

métodos envolvidos numa investigação e, por isso, à análise e à síntese” (Sérgio, 2003, p. 48).

A questão que se evidencia não é de confronto entre as diferentes tendências teórico-metodológica, como se a verdade de uma atestasse a fragilidade ou a falência da outra, ao contrário, a solidez de uma abordagem teórica constitui-se pela capacidade de resistir a refutações e a críticas que a própria teoria coloca a si mesma. “Um trabalho mais produtivo seria realizado se pudéssemos nos aproveitar da produção científica derivada das várias correntes metodológicas como fonte de inspiração para o exercício da crítica interna” (Luna, 1989, p. 33).

Os homens de ruptura, grandes revolucionários no âmbito das ciências, refutaram os métodos petrificados ou qualquer hostilidade à inovação e buscaram incessantes alternativas para a criação de um espaço de liberdade e de autonomia. Verdade e liberdade têm que se fazerem presentes na sociedade atual e do futuro, pois todos são dignos de ser livres. Alcançar-se-á a liberdade por meio da fidelidade aos redutos isolados, fechados e enclausurados, no qual radica uma dada tendência metodológica e, ainda, em nome de uma disciplina intelectual? Ou será preciso ter coragem de adotar “[...] uma metodologia pluralista, evocando o princípio da metodologia anarquista: do tudo vale?” (Feyerabend, 1993, p. 34-36).

O problema do ecletismo

Entretanto, a tendência a englobar e a considerar outras correntes de pensamento filosófico pode revelar um *ecletismo*. Augusto Triviños (1994, pp. 15-16) defende a idéia de que é fundamental que a atividades de pesquisa, orientações do pensamento pedagógico e, até mesmo, a prática docente na sala de aula tenham [...] *disciplina intelectual*, mantendo-se fiéis aos seus suportes teóricos. Sem dúvida, concordamos com a preocupação do trabalho científico, bem como as intervenções dele decorrentes, desenvolver-se e manter-se coerente dentro dos limites de uma dada linha de pensamento.

Também há que considerar que os produtos de pesquisa daqueles que se envolvem com várias tendências pode correr o risco de formar o que popularmente chamamos de “colcha de retalhos”. O pesquisador se não possuir uma maturidade intelectual poderá ter dificuldade em consolidar um discurso escrito próprio, pois pode acabar por apropriar do discurso de outrem ou de fragmentos de várias tendências. Desse modo, aproximar ao mesmo tempo de diferentes tendências pode produzir um trabalho desconexo ou conflitante.

Faz-se necessário escolher e se aproximar com maior ênfase de uma tendência teórica que sustenta o raciocínio do pesquisador, ou seja, precisa ter claro qual o viés epistemológico, qual a ideologia subjacente e quando da materialização do estudo conseguir levantar as possíveis categorias que emergem desses processos investigatórios, bem como o suporte adequado à análise dessas categorias.

Outro aspecto a considerar diz respeito à identidade do pesquisador no âmbito das ciências e da comunidade científica a qual ele pertence. O referencial teórico de um pesquisador é uma espécie de lente pela qual ele enxerga a realidade e é a partir dessa lente que surgirão as questões problemas e, conseqüentemente, a escolha metodológica.

Considerações provisórias

Há que considerar que estamos em um período de transição, porém muitos cientistas ainda estão sob o jugo da rigidez racional das metodologias fixas e deterministas. O cientista não pode ser um objeto controlado pela ciência, especificamente, pelas amarras que a metodologia impõe, nem tão pouco se entregar num desmedido *Laissez-faire*, em que tudo fique totalmente à vontade, não se incomodando com limites.

A questão que se põe no âmbito da Ciência da Motricidade Humana é que ela se aproxima da fenomenologia e as pesquisas dessa abordagem têm características nos processos lógicos de interpretação, de reflexão e nova interpretação sobre os fenômenos estudados. Entretanto, a construção dos pressupostos da Motricidade Humana perpassa também pela concepção de

ser inacabado, de homem que se envolve em projetos e os coloca em prática, por isso, uma de suas categorias estar pautada no *ser humano prático*.

A Motricidade Humana preconiza que os seus processos de pesquisa sejam conectados à formação e à educação humana traduzido na busca do mais ser e da evolução, tendo em vista ir além da reflexão da ação e da interpretação da ação. Outra categoria da Motricidade é a *práxis transformadora*, que nada mais do que a transformação da ação, ou seja, toda reflexão ou interpretação deve ser materializada numa atitude prática, porque a *intencionalidade operante* não se situa apenas no mundo idealista, mas também no mundo real e concreto.

Todavia, a referida ciência quando propõe um corte epistemológico em relação à Educação Física, sugere em seus pressupostos uma intervenção radicada na *práxis transformadora* e aí parte em defesa das relações dinâmicas e dialéticas, que explicam as relações entre o homem-natureza, cultura-sociedade, corpo-alma-desejo, reflexão-ação, teoria-prática, tudo isso focando as possíveis mudanças e transformações, primeiro individualmente e, por extensão, na coletividade.

Há que recordar aqui os ensinamentos de Joel Martins (1990, p. 06-12), grande estudioso em fenomenologia, ele nos faz lembrar que, para Hegel, “[...] o ser-no-mundo é ser em situação histórica” e que para Merleau-Ponty, “[...] com consciência situada”, sendo por meio do corpo e da sua situação histórica que o indivíduo move-se em direção a todas as coisas.

Para a Motricidade Humana a concepção ontológica da realidade se apresenta de forma geral. A história é considerada, mas não é tomada enquanto *categoria gnoseológica*. Existe a preocupação de ordem dialética que considera os acontecimentos históricos como veículos de compreensão e de explicação e, também, existe a preocupação com as categorias ação e transformação, e estas se apresentam enquanto fundamento epistemológico.

Enfim, temos a propositura de uma ciência que realiza uma interação entre várias tendências e, conseqüentemente, abre possibilidades para as pesquisas que decorrem da sua teoria o método integrativo.

O que isto realmente significa? Como o fenômeno da *Motricidade* se situa em várias vertentes podemos ter decisões metodológicas decorrentes dos mais variados problemas formulados para as pesquisas. Então, uma pesquisa em Motricidade do treino de alto rendimento do esporte ou a Motricidade no âmbito da saúde pode necessitar dependendo do seu problema inicial de investigações de caráter empírico-analítico, ou ainda, um estudo da motricidade expressiva da arte da dança pode se aproximar de um estudo fenomenológico-hermenêutico, até mesmo, uma pesquisa em motricidade da educação e da intervenção no âmbito da escola pode suscitar uma pesquisa ação de caráter crítico-dialético.

Rabelais disse: *que ciência sem consciência não passa de ruína da alma*. Estaria a Motricidade Humana na contramão da história? Será que é julgada como defeituosa ou como corajosa? E o pesquisador? Aqueles que escolheram estudar Motricidade Humana terão de carregar consigo essa marginalidade, ou talvez, essa genialidade.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- DESCARTES, René. *Discurso do método – Paixões da alma*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1973.
- FEITOSA, Anna Maria. *Contribuições de Thomas Kuhn para uma epistemologia da motricidade humana*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. (Coleção Epistemologia e Sociedade).
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Lisboa: Relógio D' Água, 1993.
- HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência como «ideologia»*. Lisboa: Edições 70, 1994.
- KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa*. 16. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1997.
- KOSIK, Karel. *A dialética do concreto*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LUNA, Sérgio. *O falso conflito entre tendências metodológicas*. In: FAZENDA, Ivani. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

MARTINS, Joel. *A Educação como uma questão dialéctica*. Coletânea de textos do programa de estudos pós-graduados em educação. Texto de número 01. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1990.

MARX, Karl. *Manuscritos económico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1996.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

MORIN, Edgar. *Reformar o pensamento: a cabeça bem feita*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002. (Colecção Epistemologia e Sociedade).

MORIN, Edgar. *et al. Educar para a era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004. (Colecção Horizontes Pedagógicos).

POPPER, Karl Raimund. *Conjecturas e Refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico*. Coimbra: Editor Livraria Almedina, 2003.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projecto de pesquisa científica*. 27. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SÉRGIO, Manuel. *Motricidade humana: contribuições para um paradigma emergente*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994a. (Colecção Epistemologia e Sociedade)

SÉRGIO, Manuel. *Para uma epistemologia da motricidade humana: prolegómenos a uma nova ciência do homem*. 2. ed. Lisboa: Compendium, 1994b.

SÉRGIO, Manuel. *Epistemologia da motricidade humana*. Lisboa, Cruz-Quebrada: Edições Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa, 1996.

SÉRGIO, Manuel. *A racionalidade epistémica no século XX*. In. SÉRGIO, Manuel, *O sentido e a acção*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999b. (Colecção Epistemologia e Sociedade).

SÉRGIO, Manuel. *Alguns olhares sobre o corpo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. (Colecção Epistemologia e Sociedade).

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 14. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1994.

VARELA, Francisco. Autopoiese e emergência. In: BENKIRANI, Réda. *A complexidade, vertigens e promessas: histórias de ciências*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004. (Coleção Epistemologia e Sociedade)

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1990.